

DA INTERCULTURALIDADE À LITERATURA COMPARADA. RUMO A UM NOVO HUMANISMO?

A propósito do lançamento do livro *Semióticas da comunicação intercultural: da teoria às práticas* (Clara Sarmento [coord.]; Carlota Moreira. Porto: Edições Afrontamento, 2015)

Carlos F. Clamote Carreto

Universidade Aberta | IELT – FCSH NOVA

ISCAP-IPP | CEI - 11 de novembro de 2015

Gostaria de começar por agradecer, em nome do IELT que hoje tenho a honra de representar enquanto subcoordenador científico à minha cara colega, Doutora Clara Sarmento, o convite para apresentar esta obra *Semióticas da comunicação intercultural: da teoria às práticas*. É, para mim, um prazer regressar a esta casa e ajudar a fortalecer, mesmo que modestamente, a já longa e profícua colaboração entre o Centro de Estudos Interculturais e o Instituto de Estudos de Literatura e Tradição da FCSH da UNL que se consubstanciou não somente através da assinatura de um protocolo de colaboração em 2013, mas também, e mais importante ainda, através da inscrição dos estudos interculturais no próprio programa de investigação do IELT. Neste sentido, mais do que uma simples cooperação institucional, o CEI e o IELT estão unidos numa parceria estratégica alicerçada em torno do objetos e projetos de investigação comuns, mas sobretudo em torno de uma conceção epistemológica do saber que acredita firmemente ser através do diálogo interdisciplinar que poderemos questionar e talvez intuir ou encontrar algumas respostas, mesmo que parciais ou efémeras, para compreendermos as rápidas transformações e a complexidade que forma e habita o nosso mundo, passado como presente.

Esta obra reúne os ciclos de conferências organizados pelo CEI entre 2011 e 2014, transformando aquilo que foi, ao longo quatro anos, palavra corpórea e vibrante de um conhecimento em construção, neste simultaneamente familiar e estranho objeto a que chamamos «livro»; um objeto que resulta da dialética entre a memória e o esquecimento,

a completude e o fragmento, a unidade e a dispersão, o fechamento e a abertura sobre o inacabado, o desejo de homogeneização e o apelo irresistível a dar voz às periferias do sentido. Quem está familiarizado com este tipo de publicação conhece os desafios – por vezes inultrapassáveis – com os quais os coordenadores se confrontam, desde a recolha (nem sempre fácil, de todos os artigos) até às revisões finais, passando pelas negociações com as editoras, a procurar de financiamento, a escrita do prefácio e a derradeira transformação semiótica que converte um conjunto de textos marcados pela descontinuidade numa estrutura coesa que tende a autonomizar-se face à palavra original na qual se enraíza. E por isso, apenas nos podemos regozijar e felicitar a Clara Sarmiento e a Carlota Moeira pela rapidez com que conseguiram, através desta obra, disseminar pela comunidade científica e o público em geral a riqueza e diversidade de todas estas reflexões que questionam, tanto do ponto de vista teórico como aplicado, os fundamentos da interculturalidade, os seus desafios, os seus campos de ação e os seus limites enquanto discurso que pode resvalar para uma sempre ambígua por natureza utopia política ou ideológica.

Apesar da sua aparente banalidade académica, este estranho ato – que é também uma estranha quimera discursiva e semântica – que consiste em «lançar» uma obra como quem se liberta finalmente de um objeto excessivamente pesado ou incómodo, não deixa de ser um ato extremamente revelador enquanto prática discursiva, social e principalmente simbólica. Com efeito, instaura um rito de passagem, sempre delicado e perigoso por natureza, através do qual assumimos que a palavra, agora morfológica e geometricamente circunscrita no espaço do livro, deixa de nos pertencer – deixa de pertencer a cada um dos sujeitos que originariamente a produziu -; que chegou a um ponto de maturação em que só se torna verdadeiramente útil e eficaz se for lançada no terreno fértil do Outro, do leitor; em que a sua trajetória de significação se torna verdadeiramente autónoma, abandonando o centro que a criou para se disseminar numa pluralidade de lugares onde se renova através de uma constante questionação e confrontação.

E se evoco aqui os ritos de passagem é porque estão intimamente relacionados com uma problemática que está simultaneamente no centro do projeto estratégico do IELT para o quinquénio 2015-2020 e no coração desta obra sobre comunicação intercultural: a problemática da fronteira ou, na perspetiva de uma geometria das relações menos marcada e definida, a problemática dos limiares. Com efeito, enquanto espaço limítrofe, dialógico, constantemente (re)negociado e transformacional; enquanto, por outro lado, espaço plástico, permeável e extremamente volátil nas suas constantes deslocções e

redefinições, a fronteira (ou o limiar) separa e ordena, criando formas e contornos dos quais emerge o sentido e a identidade na sua qualidade de narrativa plural sobre o mundo, o outro e o sujeito. Contudo, e porque toda a fronteira é, por natureza, porosa e convite à passagem, é também, por excelência, o lugar de todas as mediações, trocas, interações (discursivas, culturais, textuais), atritos, contaminações, confluências, e, por conseguinte, de todas as transformações donde emergem novas práticas culturais ou artísticas. Neste sentido, questionar o mundo, a nossa visão do mundo, a partir do lugar instável, precário e desconfortável do limiar, implica adotar uma postura ontológica e epistemológica distinta que nos obriga a repensar a relação entre as disciplinas; a repensar a validade de um pensamento enraizado numa tradição filosófica (ocidental) que, ao confundir o logos com a razão, tendeu a silenciar a voz dos outros e o eco longínquo dos mitos para construir a verdade a partir de uma confortável hierarquização de valores baseada num jogo de oposições dicotómicas; implica finalmente repensar, tanto no campo da literatura como no da cultura (e aqui convergem novamente os desígnios e destinos do CEI com os do IELTS) entre o centro e a periferia, as regras do jogo e a sua transgressão, não enquanto violação de uma norma ética, mas como uma espécie de contra-texto que vem enriquecer o tecido cultural no qual se desenvolve.

O próprio título da obra constitui uma espécie de elogio redundante ou hiperbólico da questão da passagem que põe constantemente em causa as noções de pertença, de território de partida ou de chegada, em prol de uma conceção da interculturalidade (já que é disso de que se trata mais do que de multiculturalidade onde os dois lados da fronteira continuam relativamente bem delimitados com todas as consequências que tal implica a nível da integração ou da inclusão dos outros, a nível de uma conceção antropológica da hospitalidade): a começar pelo termo «semióticas» (plural e não singular!) que reenvia para um sistema onde cada palavra, imagem ou gesto é signo que aponta simultaneamente para uma presença e para uma ausência como diria Jacques Derrida (ver *L'Écriture et la Différence* [p. 425-426], por exemplo); em que cada significante envolve sempre um excesso de significado que nunca se anula nem resolve no ato de fala. Daí o facto de toda a comunicação (o 2º termo da equação proposta por esta obra) ser sempre e inevitavelmente percorrida por uma opacidade fundadora que não caracteriza apenas a comunicação literária mas também a própria linguagem do quotidiana, tecida de múltiplos não-ditos, inter-ditos, implícitos, lapsos, elipses e lacunas voluntárias ou não que relançam infinitamente o jogo discursivo com prática social, lúdica e cognitiva. Será toda a comunicação (como toda a cultura que a funda e suporta) iminente intercultural

uma vez que expressa e corporiza dramaticamente – e a cada instante – tudo aquilo que nos une e nos separa de nós próprios e dos outros; uma vez que encarna, por excelência, a essência relacional, infinitamente transitiva, através da qual criamos a nossa imagem do outro, a nossa imagem perante o outro e o outro à nossa imagem? Estes dois termos – semióticas e comunicação – confluem, sintetizam-se e resolvem-se no terceiro termo da equação: o conceito-chave de interculturalidade, exemplarmente definido por Clara Sarmiento na excelente revisão da literatura que nos oferece em introdução a esta obra.

Seria naturalmente pretensioso e até abusivo da minha parte procurar resumir, mesmo que de forma extremamente sintética os 23 ensaios que compõem esta obra escritos, entre outros, por autores portugueses, franceses, brasileiros, norte-americanos e polacos. Seria além do mais, tendo em conta a riqueza e diversidade dos ensaios em questão, um gesto deselegante e extremamente redutor que acabaria inevitavelmente por rasurar ou esquecer nomes, deixando na sombra reflexões de inegável importância. Não posso deixar contudo, enquanto professor e investigador ligado à semiótica literária e ao estudo das estruturas míticas e do imaginário, de sublinhar três aspetos que me marcaram particularmente. Três pontes privilegiadas de convergência, de certo modo, entre os estudos literários e os estudos interculturais que nos relembram que muito do tão desejado diálogo interdisciplinar ainda estará, por ventura, por cumprir:

As noções centrais de hibridismo e de tradução cultural várias vezes evocadas por Clara Sarmiento na sua introdução, convidam-nos, por exemplo, a encarar a interculturalidade numa perspetiva sistémica subordinada ao princípio da «razão contraditória» (para retomar a expressão do filósofo francesa especialista do imaginário Jean-Jacques Wunenburger), esse *hic et nunc* da dialética de Abelardo, propiciador de uma gramática da conjunção, da intersecção entre espaços identitários em constante tensão que contraria e fragmenta as divisões binárias e a lógica disjuntiva subjacente à razão clássica. Neste prisma, como sobressai claramente da leitura de alguns artigos que constituem a segunda parte desta obra, os estudos interculturais encontram na literatura, enquanto jogo dos possíveis semiológicos, um dispositivo retórico e ficcional particularmente poderoso que, ao reconfigurar constantemente a nossa conceção da realidade (das múltiplas realidades), nos convida a uma incessante redefinição do nosso posicionamento face ao outro e ao mundo numa singular geometria relacional definidora de uma identidade necessariamente plural. Os trabalhos de Paul Ricoeur, entre muitos outros, mostram que uma das figuras que está no âmago da criação poética – a metáfora (se for metáfora viva, claro está, e não letra morta do sentido) – é, por excelência, o *lugar*

comum de todas as intersecções e confluência sémicas e, por conseguinte, o espaço semiótico de todos os encontros e desencontros (inter)culturais onde se tecem verdadeiramente novas e surpreendentes ligações entre todas essas páginas soltas que formam o livro do universo (recorrendo justamente a uma metáfora que Dante utiliza no final da *Divina Comédia*).

Mas convida-nos igualmente a relançar o diálogo entre a nova epistemologia que preside aos estudos interculturais praticados na última década e a renovada postura ontológica que subjaz nomeadamente aos estudos de literatura comparada. Numa obra bastante recente (2013) publicado na Porto Editora, e cujo título revela, por si só, a ambição humanista que a percorre (*Experiência do incomum e boa vizinhança. Literatura comparada e literatura-mundo*), Helena Carvalhão Buescu retoma criticamente o conceito goethiano de *Weltliteratur*, herdado da noção renascentista de «República das Letras», para voltar a dar visibilidade, no seio do pensamento sobre o fenómeno literário, «aos lugares de fronteira como lugares de vibrátil permeabilidade, geográfica, histórica, política ou simbólica» (p. 23). Ora, distanciando-se ou aprofundando os pressupostos teóricos da hermenêutica pós-colonial, e propondo uma profunda revisão do frágil e pernicioso conceito de literatura nacional, verificamos que os desafios e objetivos inerentes esta nova literatura comparada convergem plenamente com os propostos no âmbito dos estudos interculturais. Tal como os autores desta obra concebem, cada um à sua maneira e sob um prisma distinto - a interculturalidade através dos conceitos não categoriais, instáveis e provisórios por excelência, de sobreposição, de movimento, de deslocação e desterritorialização, de tensão dinâmica e polifonia narrativa, de hibridismo, de multiplicidade heterogénea, de limiar e de ausência, também Helena Carvalhão Buescu fala desta epistemologia relacional entre textos em termos de fricção, mutável migração, tensão, trânsito, transformação, «multiplicidade de focos perspétivísticos» (p. 73), arquivo sem fronteiras, aprendizagem do incerto, constelação, heterogeneidade unida por «vasos comunicantes» (Herberto Hélder sobre a poesia mudada para português). Esta proposta rompe assim definitivamente, como vemos, com o paradigma clássico de «influência» que pressupõe uma clara territorialização (proveniência e ponto de chegada; origem e destino) do lugar da escrita e do sentido da literatura bem como uma hierarquização (implícita ou explícita) dos valores (éticos e/ou estéticos) que a constituem. A autora prefere assim a metáfora da «polinização» (p. 48) – uma metáfora que poderá igualmente ser útil aos estudos interculturais se é que não lhe é já familiar – que implica, por sua vez, questionar os próprios conceitos de centro e de periferia.

Utilizado tanto por estudiosos da literatura pós-colonial como Hami Bhabha como por sociólogos como Boaventura de Sousa Santos, não suporá de facto sempre a noção de periferia (espaço de uma constante renegociação e transformação identitária onde está localizado, como relembra, Clara Sarmiento, o potencial de mudança) uma relação hierárquica e de subordinação a um centro que polariza o discurso e organiza/orienta o sentido? Tendo em consideração a nossa própria matriz cognitiva, poderá, decerto, não ser fácil desfazermo-nos de certas modalizações enunciativas e de certos conceitos operativos ou instrumentos cognitivos que envolvem inevitavelmente uma visão parcial e parcelar do mundo. Daí também, em última análise, a natureza por vezes utópica da literatura-mundo e da abordagem plenamente intercultural... que consiste em descentramo-nos radicalmente do nosso próprio discurso e da espessura temporal e simbólica da cultura que o enforma para adotarmos uma perspectiva de natureza mais rizomática e multidirecional sobre as relações e os textos.

Um outro aspeto que chamou a minha atenção nesta vasta exploração e decifração das semióticas da comunicação intercultural foi o justo papel concedido aos estudos de tradução como disciplina «crucial dentro do vasto âmbito dos estudos interculturais» (Clara Sarmiento, p. 23). É hoje felizmente um lugar-comum (mesmo para os mais puristas) afirmar que, entre subversões, reescritas, erros, adaptações e manipulações, a tradução faz parte integrante da nossa identidade cultural, como também faz parte integrante do património literário disponível em determinada língua, mantendo uma constante e enriquecedora relação dialógica com as produções poéticas escritas originalmente nessa mesma língua. Ora, esta «terceira voz» da tradução e do tradutor, como a designa João Barreto, uma voz sem a qual o nosso mundo e a nossa capacidade de imaginação ficariam certamente mais pobres e limitados, como acrescenta Helena Carvalhão Buescu (p. 57), é, ela própria, uma instância liminar que «fomenta inteligibilidades mútuas entre visões do mundo disponíveis e possíveis» (C. Sarmiento, p. 29) e em que a presença verbal (as opções tomadas pelo tradutor) é, cultural e historicamente, tão ou mais reveladora do que os «lugares de silêncio» (H. C. Buescu, p. 70) que radicam na experiência da não-tradução, da elipse, da lacuna. Neste sentido, a importância dos estudos de tradução no âmbito dos estudos interculturais não reside apenas no facto de participarem numa amplo movimento criador de complexas interseções e transações linguísticas e culturais onde o local e o global se transformam mutuamente. Reside essencialmente num questionamento identitário que está no centro tanto da hermenêutica literária como da epistemologia intercultural: com efeito, fazendo

parte do devir de um texto (Helena Carvalhão Buescu, p. 63), permitindo mesmo *cumprir* o texto, a tradução não é o Outro – secundário, impuro, contaminado, espúrio - do texto. É um texto que, tornando-se outro, continua todavia o mesmo, ou que, permanecendo o mesmo, tem, no entanto, a estranha capacidade de se tornar outro, como acontece na admirável ficção que Borges publicou pela primeira vez em 1939, «Pierre Menard, Autor Del Quixote».

Na tradução, como vemos, projetam-se em suma muitos dos desafios complexos inerentes ao pensamento e às práticas interculturais, encarnando e problematizando, de certo modo, os processos de hibridização discursivos e simbólicos que lhes subjazem. Um dos quais – porventura dos mais importante – consiste em atribuir à narrativa, na esteira dos trabalhos pioneiros de Paul Ricoeur e de muitos psicólogos da escola construtivista (Bruner, Sarbin, Óscar Gonçalves, etc.), para citar apenas duas áreas onde esta perspectiva teve um impacto decisivo a partir dos anos 80, uma função determinante na construção de uma identidade em constante reconfiguração. Com efeito, se a imagem que temos de nós próprio, do outro e do mundo que nos envolve é uma imagem incessantemente reconstruída através de filtros narrativos (sejam eles discursivos ou visuais), compreende-se por que razão se tem dado tanta importância a esta instância dinâmica e infinitamente plástica no âmbito da medição de conflitos e mesmo da mediação (inter)cultural. Tanto os processos interculturais como a simples construção do Eu não se coadunam, com efeito, com a existência de narrativas fixas, cristalizadas e imutáveis. Implicam uma constante negociação e um reiterado alargamento do nosso espaço identitário, seja ele geográfico, linguísticos ou afetivo, que se desenvolve, como sublinha também Clara Sarmiento na sua introdução, a partir de uma «polifonia de narrativas» (p. 13) conducente à construção de uma «identidade múltipla» (p. 18), eternamente modalizada e reconfigurada.

Não me quero alongar muito mais até para não vos retirar o prazer da leitura e da descoberta. Terminarei dizendo apenas que esta obra simultaneamente coesa e heterogénea, una e diversa, que percorre recantos do mundos e campos do saber aparentemente tão díspares como os da sociologia das migrações, da construção política e historiográfica da memória, dos estudos sobre as mulheres, da literatura (nomeadamente a literatura de viagens), da antropologia visual (através de uma reflexão que mostra quão importante é a imagem enquanto objeto semiológico complexo que funciona como uma espécie de mico-narrativa cuja densidade ou espessura semântica filtra e condiciona a nossa perceção do *real*), do direito (enquanto garante da norma ética reguladora das

diferenças no seio de uma comunidade heterogénea embora coesa), da análise do discurso através da exploração de um campo da pragmática particularmente fecundo que consiste na análise da cortesia verbal e as suas implicações interculturais, da semiótica do espaço turístico como construção simultaneamente geográfica e simbólica onde a interculturalidade se move numa cena que oscila constantemente entre o real e o ficcional, constitui, para além de uma leitura extremamente estimulante como vemos, um verdadeiro desafio a prosseguir e a aprofundar o diálogo, cada vez mais urgente, entre as várias áreas científica e abordagem metodológicas artificialmente separadas pela academia mas felizmente reunidas no seio do CEI e do IELT. Representa finalmente um instrumento e uma via particularmente fecunda e promissora para a construção desse renovado humanismo que todos almejamos para lá da utopia e dos discursos retóricos de ocasião.